



APRESENTA



# É MASSA!

1ª MOSTRA DO CINEMA  
DE PERNAMBUCO







É MASSA! 1ª MOSTRA DO CINEMA PERNAMBUCANO

Coutinho, Angélica; Lira Gomes, Breno (orgs.)

1ª Edição

Agosto de 2013

ISBN 978-85-66110-04-3

Produção editorial: Angélica Coutinho

Revisão de textos: Antero Leivas

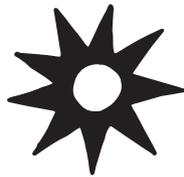
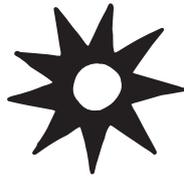
Capa & projeto gráfico: Guilherme Lopes Moura

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais  
sem prévia autorização dos organizadores.

**É MASSA!**

**1ª MOSTRA DO CINEMA  
DE PERNAMBUCO**





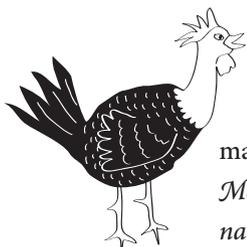
A CAIXA é uma das principais patrocinadoras da cultura brasileira, e destina, anualmente, mais de R\$ 60 milhões de seu orçamento para patrocínio a projetos culturais em seus espaços, com o foco atualmente voltado para exposições de artes visuais, peças de teatro, espetáculos de dança, shows musicais, festivais de teatro e dança em todo o território nacional, e artesanato brasileiro.

Os eventos patrocinados são selecionados via Programa Seleção Pública de Projetos, uma opção da CAIXA para tornar mais democrática e acessível, a participação de produtores e artistas de todas as unidades da federação, e mais transparente para a sociedade o investimento dos recursos da empresa em patrocínio.

O projeto “É Massa! 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco” comemora os 90 anos do cinema brasileiro trazendo para o público a cinematografia do cinema de Pernambuco. Será apresentado um panorama da trajetória, desde os primórdios até os dias atuais, de um cinema que atua fora do eixo Rio/São Paulo. A mostra, além da exibição de filmes em 35 mm e DVD, contará também com uma mesa de debates com autores, diretores, atores e profissionais de mais variadas áreas de produção cinematográfica do cenário pernambucano.

Desta maneira, a CAIXA contribui para promover e difundir a cultura nacional e retribui à sociedade brasileira a confiança e o apoio recebidos ao longo de seus 152 anos de atuação no país, e de efetiva parceria no desenvolvimento das nossas cidades. Para a CAIXA, a vida pede mais que um banco. Pede investimento e participação efetiva no presente, compromisso com o futuro do país, e criatividade para conquistar os melhores resultados para o povo brasileiro.





O Cinema de Pernambuco, que se destaca no cenário cinematográfico como o terceiro maior polo de produção nacional, possui uma história marcada por três momentos: *O Ciclo de Recife*, o *Movimento Super 8* e a *Retomada do Cinema Pernambucano*. Aclamado pela crítica especializada e pelo público em geral, as produções do cinema de Pernambuco brilham nos festivais nacionais e internacionais com uma representatividade tão grande que se torna impossível falar em cinema brasileiro e não falar deste cinema.

Nos primórdios do cinema brasileiro na década de 20, com o movimento nacional pró-cinema, nos chamados “Ciclos Regionais”, Pernambuco deu início a um processo que o insere entre os três maiores polos de produção e o leva a ser consagrado na história do cinema nacional. *O Ciclo de Recife* se destacou no cenário cinematográfico da época como o maior produtor dos ciclos regionais, quando foram fundadas em Pernambuco diversas produtoras como, por exemplo, a Aurora Filmes e a Olinda Filmes. Nos anos 1930, fatores econômicos e o advento do cinema sonoro levaram à decadência o cinema brasileiro e, conseqüentemente, ao arrefecimento da produção pernambucana. Entretanto, mesmo neste período crítico, Pernambuco realizou em 1942 seu primeiro filme sonoro: *O coelho sai*.

Nos anos 1970, com a introdução de dispositivos técnicos mais baratos no mercado internacional surge o *Movimento Super-8* e mais uma vez Recife retoma a sua posição de grande produtor cinematográfico. Desta vez com filmes, em sua grande maioria, em curta-metragem. Um cinema inovador tão importante quanto o anterior, restrito a Festivais Nacionais de Curta-Metragem, realizados nas capitais brasileiras. No primeiro Festival Nacional de

Filme Super-8 realizado em Curitiba no ano de 1974, dos 64 filmes concorrentes, quatro eram pernambucanos. A maior participação do Cinema de Pernambuco desta fase se deu nos festivais realizados em 1977, 1978 e 1979.

Em 1996, na “retomada” do cinema brasileiro, um novo ciclo de cinema surge em Pernambuco com o filme *Baile Perfumado*, de Paulo Caldas e Lirio Ferreira. Este foi o primeiro filme de uma série de grandes realizações que vem repercutindo internacionalmente. Pernambuco se estabelece definitivamente como grande realizador, com uma produção respeitada pela qualidade técnica e, sobretudo, pela criatividade dos profissionais que produzem um cinema singular e plural. Uma história que tem como herança, a assinatura do cinema de autor e que chega às telonas com produções autênticas, produzidas com primazia.

Promover a *É Massa — 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco*, em 2013, é celebrar o cinema brasileiro, trazendo para o público amante da sétima arte um dos maiores representantes da nossa cinematografia: o cinema de Pernambuco. Uma oportunidade de mostrar ao público em geral a notoriedade deste cinema, homenageando nossos cineastas pernambucanos pelo desempenho e dedicação e sua colaboração para com o Cinema Brasileiro. Realizar uma mostra que traça um panorama da trajetória, desde os primórdios, até os dias atuais, de um cinema que atua fora do eixo Rio/São Paulo, é também uma forma de incentivar cineastas de vários cantos do país a produzirem seus filmes em seus estados, fomentando assim a produção brasileira de filmes.

A CAIXA ao patrocinar esta Mostra, além de prestigiar mais uma vez o Cinema Brasileiro estará homenageando o Cinema de Pernambuco. Oferecerá ao carioca a oportunidade de conferir a importância deste cinema de uma forma única, onde o público apreciará no

mesmo espaço, a história desta importante cinematografia. O espectador terá a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento dessa bela história produzida por grandes profissionais, nunca antes homenageados juntos, podendo, assim, conferir a qualidade técnica e artística de suas produções, o que justifica a posição que ocupam no mercado cinematográfico nacional e internacional e que motivam a apresentação de Mostra.

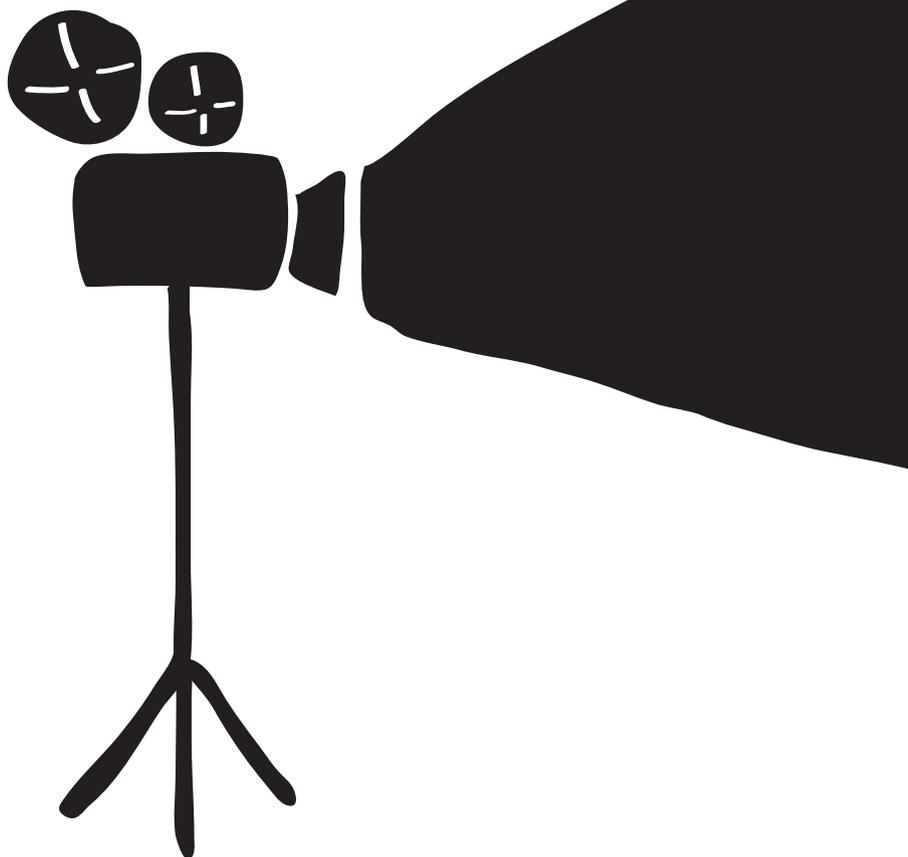
A Mostra, além de trazer para o público carioca alguns filmes do acervo filmográfico do *Ciclo de Recife* e do *Movimento Super-8*, numa retrospectiva da história do cinema no Brasil a partir da produção de Pernambuco, exibirá produções contemporâneas. A curadoria é de Valéria Luna, pernambucana de Recife, e de Breno Lira Gomes, que tem nas veias sangue pernambucano, mais precisamente de Bezerros.







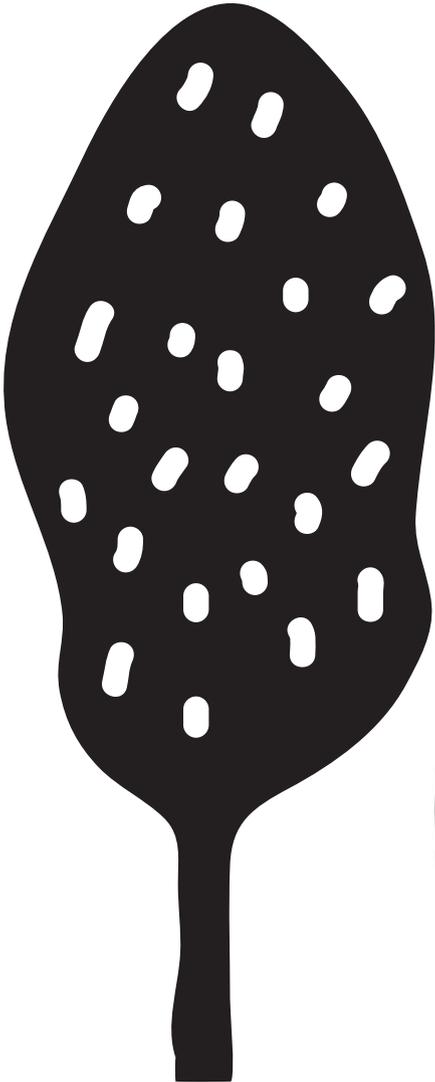
# SUMÁRIO

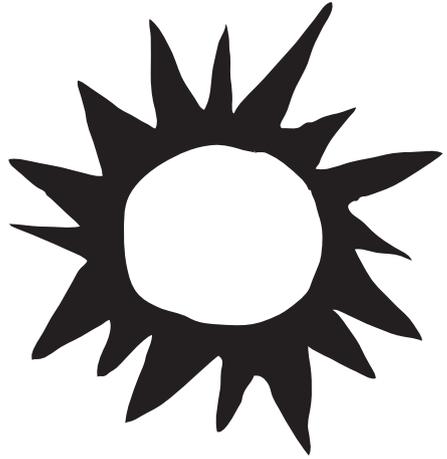


	<b>Apresentação</b>	
18	⇨⇨⇨	<b>A Mostra É Massa de Cinema e o Cordelista Encantado</b>
		<b>Ciclo anos 20/30</b>
26	⇨⇨⇨	<b>Ciclo do Recife</b> , por André Gil
		<b>Ciclo super 8</b>
34	⇨⇨⇨	<b>A Febre dos Anos 70</b> , por Marcelo Pereira
		<b>Retomada</b>
44	⇨⇨⇨	<b>Cinema Pernambucano: Excelência Cinematográfica em Áridos Movies</b> , por Ricardo Oliveira de Freitas
53	⇨⇨⇨	<b>Um Filme Pessoal de Lírio Ferreira</b> , por Celso Marconi
60	⇨⇨⇨	<b>De Ciclo a Cena</b> , por Eduardo Valente
66	⇨⇨⇨	<b>A Educação do Cinema Pernambucano</b> , por Wilson Freire
74	⇨⇨⇨	<b>Filmografia</b>
103	⇨⇨⇨	<b>Debate</b>
105	⇨⇨⇨	<b>Agradecimentos</b>
106	⇨⇨⇨	<b>Ficha Técnica</b>
109	⇨⇨⇨	<b>Apoio</b>

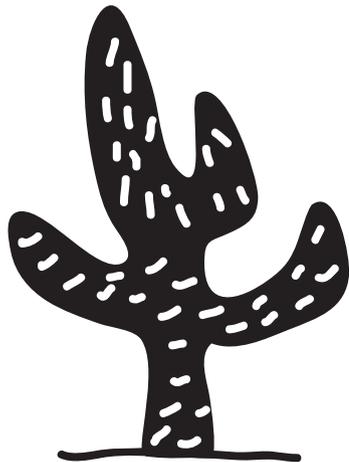






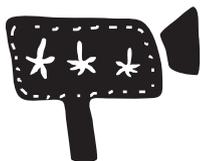


# APRESENTAÇÃO





## A MOSTRA É MASSA DE CINEMA E O CORDELISTA ENCANTADO



Vou falar para vocês de uma mostra de cinema  
Não é pouca coisa não  
É algo que o cidadão  
Pernambucano ou não  
Bota à frente o coração  
E vai curtir cena a cena

E na aridez de seu movie  
Entre rochedo e estrela  
As telas pernambucanas  
Não ha quem não se curve  
A tanta história tão bela  
A tantos filmes bacanas

Tem febre de rato, Avenida Brasília  
A Máquina e o som ao redor  
O Advogado e sua filha  
Viajando porque precisa  
E voltando por amor

E nesse Baile perfumado  
Entre aspirinas e urubus  
Eis o cinema irmanado  
Ao estado que lhe faz jus  
Carioca, estrangeiro  
Esse preâmbulo pernambucano  
É para todo brasileiro  
Mundeiro, pernamcubano



É massa, é pedra e águas perdidas  
Pequeno príncipe e Doméstica  
Registros de tempos e vidas  
Da mais variada estética

É cinema pernambuco em sua mostra primeira  
Muito filme longo ou curto  
Muito talento mútuo  
Evento em tamanho vulto  
É presente a vida inteira!  
É Massa!





Foto: Fred Jordão







# CICLO ANOS 20/30

---





## CICLO DO RECIFE

POR ANDRÉ GIL



A produção cinematográfica brasileira tem os ciclos regionais como seu ponto de partida. Houve intensa atividade em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Desses movimentos pioneiros, o Ciclo do Recife (1923-1931) foi um dos mais importantes e produtivos. Apesar das condições adversas, foram rodados treze longas-metragens de enredo e sete “naturaes”, filmes de flagrantes da realidade, geralmente encomendados por governantes para mostrar suas obras públicas.

São inegáveis o sucesso e a repercussão de algumas das produções do Ciclo do Recife. *Retribuição* ficou oito dias seguidos em cartaz no Cine Royal, na Rua Nova, em sessões contínuas do meio-dia à meia-noite, e ainda provocou uma novidade: filas para comprar ingressos. *Aitaré da praia*, além de bem sucedido nas bilheteria, é reconhecido pelo pioneirismo na utilização de temas regionais. *A filha do advogado*, com um roteiro atraente e direção segura, foi exibido comercialmente em trinta e um cinemas do Rio de Janeiro, então capital federal.

Fazer cinema no Brasil no início do século 20 era um enorme desafio, e em Pernambuco não foi diferente. Mesmo em forma de empresas cinematográficas, as equipes trabalhavam de maneira amadora, pelo menos a grande maioria de seus integrantes. Todos tinham outras ocupações como principal atividade, embora tenha havido alguns que viveram de cinema. O equipamento era precário, com câmeras, iluminação e cenários que desafiavam os pioneiros a cada cena. O amadorismo, os sacrifícios, e a coragem de fazer cinema são mais notáveis ao se saber como foram produzidos a maior parte dos filmes: os custos eram divididos entre a equipe, filmava-se nos fins de semana por causa dos que trabalhavam, usava-se a luz

solar por falta de refletores, não se podia repetir cenas porque o negativo era caro e escasso, a revelação era feita em banheiras.

Contudo, essas dificuldades só fazem valorizar o Ciclo do Recife e aumentar a admiração por seus realizadores. No site *revista de cinema*, do portal Uol, Gentil Roiz e Jota Soares são “reconhecidos como fundadores de uma temática genuinamente nacional no cinema brasileiro”. A eles se juntam Ary Severo e Edson Chagas, este, cinegrafista de grande parte dos filmes do Ciclo. A austera moral da época dificultava a obtenção de moças para os filmes, mas não impediu Almerly Steves e Rilda Fernandes de tornarem-se estrelas da tela.

Ideias, dificuldades, paixão e muita vontade motivaram esses jovens, lá no início do século 20, em Pernambuco. Mas, como aprender a fazer filmes? Não havia escolas ou cursos, nem mesmo de fotografia. Edson Chagas trouxe alguns conhecimentos técnicos do Rio de Janeiro; Ary Severo participou de dois filmes, como figurante, na França; Gentil Roiz tinha feito uma máquina de filmar, a partir de um velho projetor, e trabalhava anunciando filmes a entrar em cartaz. Em 1922 é fundada a Aurora Film, juntando-se a eles, mais tarde, Jota Soares, que viria a ser o diretor de *A filha do advogado*. São os que viverão exclusivamente de cinema, no auge do Ciclo.

Mas a questão persistia. O próprio cinema deu a resposta. Aprenderam, vendo filmes. Aliadas à paixão, a inspiração e a imitação do que se via nas telas foi a escola dos pioneiros. Desde seu começo o cinema estabeleceu-se como uma indústria de entretenimento, na qual os filmes são produtos, e não apenas forma de expressão artística. Como típico produto da cultura de massas, procura atingir o maior público possível. No Recife dos anos 1920 ir ao cinema já era, havia algum tempo, uma diversão consolidada. Os filmes europeus chegavam em grande quantidade aos cinemas locais, mas, com o passar do tempo, a produção norte-americana se impôs. Moda, comportamento, estilo de vida, já eram ditados pelas estrelas de cinema. Maneiras, olhares, roupas e cabelos eram copiados pelos fãs de Rodolfo Valentino, Theda Bara e Gloria Swanson. Era o *star-system*, que perduraria por muitas décadas ainda. A sedução foi inevitável.

Sendo o próprio cinema a grande influência estética dos filmes mudos pernambucanos, os pioneiros não poderiam ter tomado como modelo outra cinematografia que não a norte-americana. Jota Soares, ao ser indagado sobre o assunto, costumava citar uma frase do cineasta francês René Clair: “Imitar o que é perfeito é dar provas de inteligência e bom gosto”. Hollywood consagrou a narrativa linear, os enredos com mocinhos e vilões e o final feliz. Esse esquema foi copiado pelos realizadores do Ciclo, que procuraram aproximar-se do cinema que julgavam perfeito. Em *Sangue de irmão* há uma briga entre mocinho e bandido em cima de um trem em movimento; o personagem principal de *Herói do século XX* é uma homenagem a Buster Keaton; *Jurando vingar* mostra cowboys nas matas pernambucanas; Jota Soares fez um ensaio fotográfico encarnando os personagens de Lon Chaney, astro dos filmes de terror.

Mesmo que a forma não tenha sido alterada — a estrutura consagrada de Hollywood —, os realizadores pernambucanos incluíram, no conteúdo de seus filmes, elementos identificadores de sua realidade regional. *Revezes* mostra conflitos entre camponeses e um senhor de engenho e *Filho sem mãe* apresenta um enredo com cangaceiros. Mas o filme que melhor representa essa preocupação em aproveitar a realidade local é *Aitaré da praia*. Ary Severo, o diretor do filme, em depoimento ao cineasta Fernando Spencer, diz que “cowboys não eram coisa de brasileiros” e que havia a intenção de filmar temas locais. *Aitaré da praia* foi bem nas bilheterias e conferiu prestígio à Aurora Film, sua produtora, ao mostrar um drama entre jangadeiros, valendo-se das belezas das praias nordestinas como locações. A despeito da onipresente influência do cinema norte-americano, os filmes do Ciclo do Recife estão entre os primeiros da cinematografia brasileira a apresentar temáticas regionais.

✚→ ANDRÉ GIL é da Cinemateca da Fundação Joaquim Nabuco

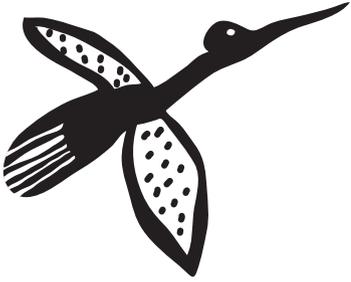
#### Bibliografia:

A estética do Ciclo do Recife – Eduardo Duarte, 1992

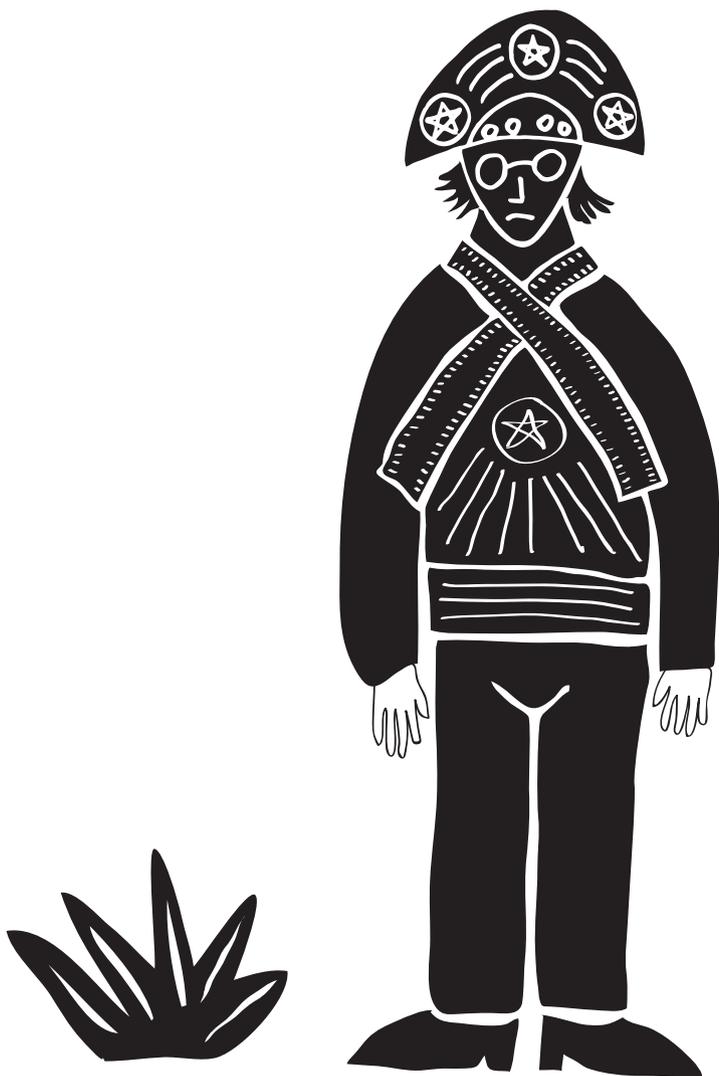
Cinema pernambucano: uma história em ciclos — Alexandre Figueiróa, 2000







# CICLO SUPER 8





## A FEBRE DOS ANOS 70

POR MARCELO PEREIRA

*A Jomard Muniz de Britto & Alexandre Figueiroa*



Foi de repente. O sonho de fazer um filme com poucos recursos voltou a ser realidade na capital pernambucana meio século depois do surgimento do pioneiro Ciclo do Recife da década de 1920, na era do cinema mudo. A popularização da bitola Super 8 com banda sonora, em 1973, tornou-se uma febre em celuloide que contaminou toda uma geração, durante uma década, com produções que realizaram um cinema alternativo, experimental e marginal.

“Arranje uma câmara, reúna a turma, vá para a rua. A transa é filmar” — escreveu o jovem jornalista Geneton Moraes Neto, um dos maiores entusiastas do Ciclo do Super 8, para quem “os fatos mais aparentemente comuns” poderiam “ser transformados em filme”. Seu verbo ecoava no poeta maldito piauiense Torquato Neto, que em sua Geleia Geral godardiana provocava: “Invente. Uma câmara na mão. O Brasil no olho. Documente isso amizade”.

Para se tornar cineasta, mais do que uma ideia na cabeça bastava ter acesso a um equipamento portátil e leve: uma câmara, alguns cartuchos de filmes e um pequeno projetor — numa analogia, como são hoje em dia as câmeras digitais, os smart-fones e os tablets. Feito o registro em película, mandava-se para a revelação (pelo menos 16 vezes mais barata se comparadas aos altos custos do 16mm e 35mm que inviabilizavam os projetos). Era na montagem na moviola que nascia “o filme”, pois em muitos dos casos não havia um roteiro previamente elaborado. Bastava apenas o argumento e o desejo de filmar.

Muita gente que adquiriu as primeiras filmadoras e projetores de Super 8 visavam o lazer doméstico. Seus motivos eram prosaicos, de

diletantes da classe média: registrar o nascimento de um filho, uma festa de aniversário ou casamento em família, as paisagens de uma viagem, uma manifestação cultural de sua preferência, seja o Carnaval de Olin-da, uma briga de galo, um folguedo popular. Mas havia quem almejas-se fazer mais: fazer cinema com todos os seus recursos de linguagem.

Os documentários da cultura rural nordestina, as ficções de denúncias às injustiças sociais, os filmes experimentais voltados para a crítica da cultura e os temas existenciais urbanos foram as principais temáticas abordadas pelos cineastas em seus filmes de curta-metragem, elencadas pelo jornalista, crítico de cinema e professor Alexandre Figueiroa, em sua dissertação de mestrado *O cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural*, apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

O Ciclo do Super 8 em Pernambuco foi pródigo, em que pese a precariedade do equipamento e as deficiências técnicas que marcaram parte da produção do período. Os filmes revelavam-se amadores, toscos, por mais esforço e assistência que desse o cinegrafista e montador Lima e de Carlos Cordeiro, dois dos mais requisitados pelos “superoitistas” amadores. Se não conseguia atingir o resultado do cinema profissional comercial, foi, contudo, em seus melhores exemplos, um cinema de resistência, de experimentação e documentalmente relevante.

Há quem fale em 150, outros contabilizam 200 filmes realizados desde as primeiras experiências dos irmãos Ulysses e Frederico Pernambucano de Mello sobre o cangaço, os filmes de Kátia Mesel sobre suas andanças pelo norte da África e da Europa, com os cantores e compositores Lula Côrtes e Flaviola, à crítica à televisão e o filme tu-

rístico sobre Fernando de Noronha pelos militares Athos Eichler e Osman Godoy, o registro documental da Missa do Vaqueiro feita por Hugo Caldas, e a adaptação ficcional do conto *A continuidade dos parques*, de Cortázar, em *Labirinto*, por Fernando Spencer...

Três dos maiores entusiastas e divulgadores do Super 8 em Pernambuco foram também



realizadores: os jornalistas Geneton Moraes Neto, Fernando Spencer e Celso Marconi, que utilizavam as páginas dos jornais diários do Recife, onde trabalhavam, para divulgar e comentar os filmes, jornadas e festivais e abrir discussões sobre a movimentação “superoitista” recifense. A eles se juntam três dos principais cineastas autorais do ciclo: Jomard Muniz de Britto, Amin Stepple e Paulo Bruscky.

Fernando Spencer tornou-se o grande documentarista pernambucano das décadas de 1970 a 1990. Adotando cada vez mais o profissionalismo em suas produções, realizou trabalhos em Super 8, 16mm e 35mm. Sua preocupação principal era fazer o registro dos artistas e manifestações culturais e periféricas. Entre seus principais filmes do Ciclo do Super 8 estão o premiado *Valente é o galo* (sobre a violência nas rinhas de briga de galo), *Bajado — um artista de Olinda* (sobre o pintor naïf olindense).



Celso Marconi pode-se dizer que foi um verdadeiro ativista da imprensa, que não escondia seu otimismo quanto ao futuro da bitola Super 8 e seu engajamento contra o cinema hegemônico hollywoodiano. Com a câmera na mão fez um cinema com três vertentes: a antropológica, onde o foco estava na religião e na arte popular; a naturalista, com um olhar curioso sobre o objeto filmado e a experimental, de expressão poética e engajada politicamente. Entre seus títulos destacam-se *Morro da Conceição*, *Dona Betinha* e *Ana das Carrancas*, *Corbiniano Lins*, *a Brigada Portinari* e *Recife o km* (sobre a degradação do Recife Antigo).

Geneton Moraes Neto no início pregava o “faça você mesmo” como política para o “superoitista”, não se importando muito com a qualidade final do filme realizado. Com o tempo, ele passou a se preocupar mais estética e formalmente com seus filmes que iam desde o panfleto em favor do futebol, *Esses 11 aí* (em parceria com Paulo Cunha), numa

época em que a esquerda considerava o esporte como ópio do povo; ao filme-poema *A flor do Lácio é vadia*, sobre o colonialismo cultural, declamado por Jomard Muniz de Britto diante das ruínas do Forte Orange, em Itamaracá, e *Funeral de uma década em brancas nuvens*, na qual compara a repressão militar e o vazio cultural da década de 1970 comparando-a com a efervescência dos anos 1960.

Jomard Muniz de Britto foi talvez o maior agitador do ciclo dos Super 8. Provocador, além de produzir e atuar, também percorria espaços culturais para exibir e debater seus filmes. Em *O palhaço degolado*, ele vocifera contra o patriarcalismo do sociólogo Gilberto Freyre e sobre o projeto estético Armorial de Ariano Suassuna, numa crítica ao pensamento oficial vigente, ao mesmo tempo também que disparava contra as vanguardas nacionais e internacionais. Freyre voltaria a ser alvo de Jomard em *Inventário de um feudalismo cultural*, que ele fez com o grupo teatral Vivencial Diverciones, citando trechos de Sobrados e mombombos, também do dramaturgo e contista Hermilo Borba Filho.

A sexualidade foi uma das preocupações da obra jomardiana, nos curtas-metragens: *Inferno lento*, inspirado na tragédia grega Prometeu acorrentado, considerado o primeiro filme erótico de Pernambuco, com os atores fazendo exercícios corporais ao ar livre próximo a igreja. *Babalorixá Mário Miranda*, *Maria Aparecida no Carnaval* é definido como um ensaio de androginia. Já *Noturno em Ré(cife)* traz o ator e diretor Antonio Cadengue como um vampiro bissexual.

De Amin Stepple vale citar três curtas em Super 8: *Creuzinha não é mais a tua*, debochado filme com “estética de lambe-lambe e safadezas em geral” e o político *Tempo nublado*, que teve o destemor de atacar a censura e a ditadura militar de forma panfletária, pregando a luta armada.

Paulo Bruscky é o mais radical dos “superoitistas” pernambucanos. Desde seus primeiros trabalhos, sua preocupação é muito mais estética, experimental e performática, utilizando o cinema como registro de sua atitude política. Ele se vincula aos filmes de artista e se destaca na realização de “xerofilmes”. Bruscky trabalha com signos verbais e experimentações, como em *Artexpocorponte*. Em *Xeroperformance*

ele utiliza sua experiência com “faxarte”, arte postal e “xeroarte”. Ele faz reproduções de seu rosto e filma a posteriori as imagens, para em seguida montá-las. Em *LMNUWZ Fogo*, sua proposta radicaliza. Ele toca fogo em chumaços de algodão embebidos de álcool e aciona a máquina, filmando todo o processo.

Cinema de resistência e vanguarda. A maior utopia de quem fez Super 8 em Pernambuco, foi um dia sonhar que a bitola poderia se tornar viável profissional e economicamente, disputando o mercado comercial, dominado pelo cinema norte-americano e as chanchadas. Chegou-se na época a vislumbrar a possibilidade de ter os curtas-metragens sempre incluídos na programação das televisões (todas de canal aberto) e serem exibidos dentro da cota de reserva de mercado dos cinemas.

Sem mercado exibidor, o Super 8 só encontraria público em festivais, jornadas e mostras de cinema. Havia pouco incentivo à produção e quando havia, era resultante de prêmios ou algum incentivo oficial, que muitos cineastas rejeitavam por questões ideológicas, pois não queriam aproximação com a ditadura militar em vigor. Assim, o mais comum eram os cineastas bancarem suas próprias produções, sem pensar em retorno, pois raramente algum filme obtinha alguma receita de bilheteria.



\* \* \* \* \*

\*  
\*  
\*  
\*  
\*



\*  
\*  
\*  
\*  
\*

\* \* \* \* \*

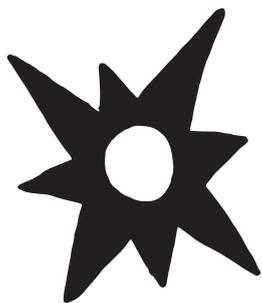
\*  
\*  
\*  
\*  
\*



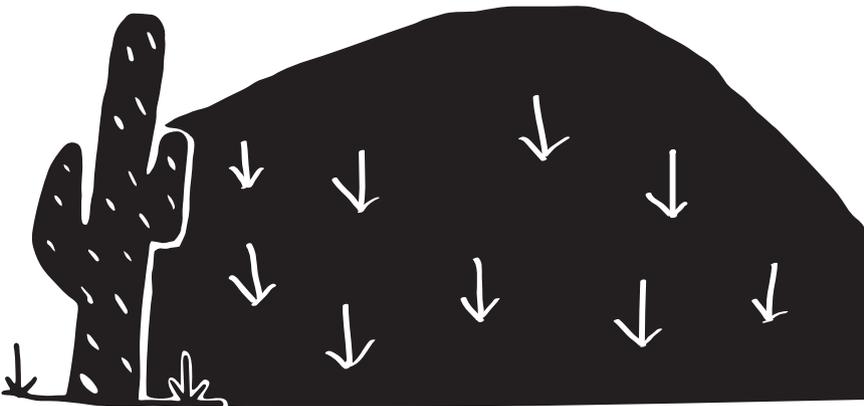
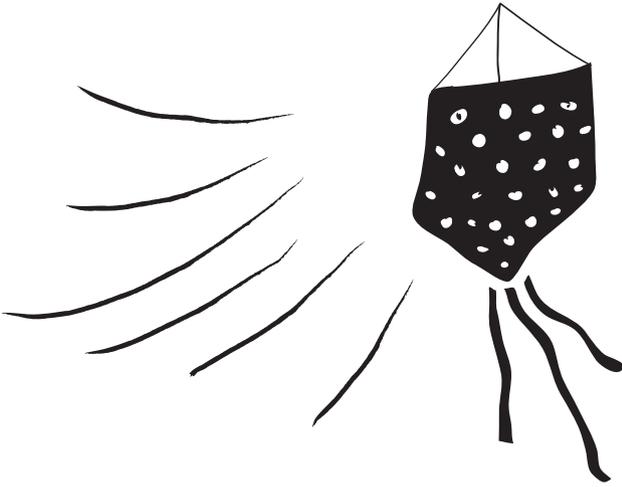
\*  
\*  
\*  
\*  
\*

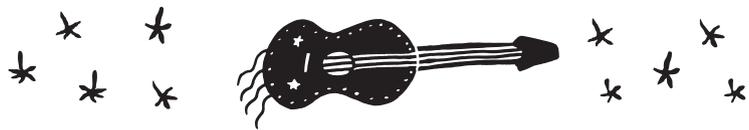
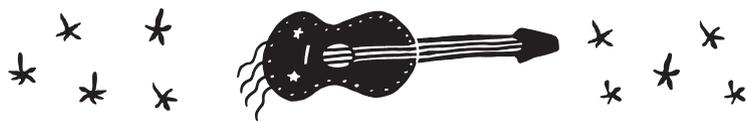
\* \* \* \* \*





# RETOMADA





## CINEMA PERNAMBUCANO: EXCELÊNCIA CINEMATOGRAFICA EM ÁRIDOS MOVIES

POR RICARDO OLIVEIRA DE FREITAS



Se a dita retomada da produção cinematográfica brasileira é coisa a ser comemorada, a retomada do cinema nacional produzido fora do eixo dos grandes centros urbanos do Sudeste é coisa para ser duplamente comemorada. Primeiro, pelo fato de reconhecer que o deslocamento físico espacial, tanto em termos da produção como da distribuição e de conteúdos de produtos audiovisuais, permite ao espectador acesso a um número maior de possibilidades expressivas e, por extensão, alcance mais vasto ao conhecimento erguido com base em uma diversidade de temáticas e imagens que quebram a monotonia da hegemonia do cinema produzido no Sudeste do país. Segundo, por conta do importante papel assumido pelo discurso cinematográfico para dar sentido à realidade social brasileira. Assim, ao assumir a necessidade de abarcar a amplitude de realidades que compõe o diverso panorama social, cultural e geográfico brasileiro, para além das suas duas maiores metrópoles, o cinema feito em Pernambuco contribui para engrossar o caldo de representações múltiplas e plurais que concedem sentido às muitas referências ideológicas que dão cara ao Brasil. Aliás, Pernambuco, terceiro polo de produção cinematográfica nesse país continental, desde os primórdios do cinema brasileiro tem estado na vanguarda da produção audiovisual, ao comprometer-se com a inovação em termos de linguagens e, num certo sentido, com incisivo enfrentamento, ao produzir cinema fora dos grandes centros produtores (Rio e São Paulo) e batalhar para formação de um mercado e público local-regional, naquilo que se convencionou chamar “Ciclo do Recife”.

No cinema de retomada, o cinema de Pernambuco não é menos inovador. Agora, as referências ideológicas, que dão corpo ao filme

no olhar e na mente do espectador, são construídas com base em representações de um Nordeste até então não apresentáveis — o que não quer dizer que tais representações não fossem dignas de apresentação; mas, por conta de uma lógica de mercado e de uma intencionalidade política regida e determinada desde o eixo centro-sul do país, o que se via era uma recorrência desenfreada a estereótipos e clichês, que colocavam o Nordeste e sua gente num ‘sub-lugar’ representado



pelo atraso em oposição ao Brasil moderno, industrializado e desenvolvido. A infantilização do povo nordestino, maquiavelmente relacionada à bestialidade e à subnutrição, era ilustrada pelos antagonísticos, recorrentes e alienantes cenários do seu típico litoral (abusando das suas praias, dunas e coqueirais) ou do árido sertão (corriqueiramente ilustrado pela hostilidade da vegetação da caatinga, pela falta de chuva e pela inclemência do sol). Fome e desesperança marcavam as representações quase folclóricas que se faziam acerca do homem nordestino, que tinha como única salvação, segundo o discurso hegemônico, engrossar o expressivo fluxo migratório para o Sudeste do país, a fim de sobreviver às adversidades do miserável Nordeste.

A retomada na e da produção cinematográfica como vista em Pernambuco não desprezou esse tipo de produção. Tanto que o marco fundador de um dito cinema de retomada pernambucano é o longa-metragem *O Baile Perfumado*, que teria como cenário o velho e conhecido sertão, apresentado através de múltiplas referências e retalhos de cinema documental produzido no passado. Mas, esse cinema quer ir além das representações folclóricas lineares que com discursos e narrativas regulares nos preencheram os olhos em décadas passadas. Na retomada pernambucana, é a verdade individual atribuída a cada diretor que dá corpo aos filmes, elaborados com uma forte carga de personalidade, de personalidade. Ou seja, se há uma característica comum ao cinema feito em Pernambuco, esta reside no fato de que esse cinema é autoral, singular a cada realizador e, por isso, autônomo em relação a produções alheias. Entretanto, é essa singularidade, por

mais paradoxal que seja, que dá uma configuração conjunta, coletiva e comum ao cinema contemporâneo pernambucano, fazendo deste um cinema de movimento. Esse cinema reatualiza velhos conteúdos e narrativas. Por isso, torna-se sofisticado. Ele usa e abusa de novas possibilidades erguidas com base na multiplicidade de imagens fragmentadas, híbridas, simultâneas, sucessivas e, por isso, inovadoras. É, antes de tudo, arte. Não à toa, nutre diálogo profundo com outros movimentos de vanguarda que estão se desenvolvendo naquela década de 1990 no mesmo Pernambuco — sobretudo, no campo da música, do teatro, da dança, da moda, das artes visuais, das artes do corpo. Do corpo. Quem não se lembra do cheiro de suor que exala do corpo gordo e suado da personagem Aurora em *Amarelo Manga*? Pois bem: é um cinema com cheiro. Tão real como a mais crua realidade das periferias rurais e urbanas, ou melhor, sub/urbanas, das metrópoles nordestinas. Afinal, o cinema Pernambuco dos últimos quase vinte anos tem nos brindado com títulos que tanto remetem às clássicas representações do sertão e da sua gente como às atuais agruras das periferias da grande metrópole. Por isso, pode-se dizer que esse cinema tanto coloca Pernambuco no meio do cosmopolitismo global como de uma meta periferia, ao falar da uma periferia da periferia, que é tanto a América Latina, como o Brasil, como Pernambuco, como Recife, como Nazaré da Mata, como Aliança... É como se acreditassem que a periferia é o mundo, único território para ser e estar no mundo. Por isso, aqui, as periferias são tanto centro como margem. É isso: o novo cinema pernambucano põe por água abaixo a dicotomia entre sertão e cidade, no que traz a periferia para o centro; além de afastar-se do discurso regionalista, no que se coloca no centro do mundo. Periferias rurais carregadas de traços de cosmopolitismo convivem com periferias urbanas carregadas de traços de ruralidade. A herança do

latifúndio canavieiro e da governança totalitária coronelista responde pela necessária libertação ou pelo seu contrário, a dolorosa opressão, ao permear os modos e formas de sexualidade retratadas por esses diretores. Drogas no sertão, pesca artesanal



num conjunto Minha Casa, Minha Vida; felicidade encontrada em postos de gasolina à beira de BRs e PEs, neve no quente Recife... Tudo isso se intercruza com um tanto de outras imagens e representações do Nordeste contemporâneo. Antes, tais imagens e intercruzamentos certamente seriam tidos como antagônicos. Agora são somente parte da vida corriqueira que se vê logo ali fora. Transformam situações do cotidiano em símbolos tradicionais. Por isso, é tanto cinema do devir, como cinema do já posto. A autenticidade conferida pelo sertão iguala-se à autenticidade conferida pelo bairro de Boa Viagem.

A recorrência a tais tipos de experimentos estabelece um novo e importante polo de produção reconhecidamente citado no debate sobre a expressiva cinematografia contemporânea brasileira. Por isso, oportuna é a chegada desta 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco: É Massa!, já que se apresenta como excelente oportunidade para ver e rever importantes títulos representantes da geração de cineastas pernambucanos que produzirão bom cinema tanto após os muitos anos de recesso na produção cinematográfica nacional, como no auge das transformações políticas, sociais e econômicas que colocarão o Brasil (e o Nordeste, com especial participação) no centro do debate global sobre expressões em arte e novas experiências estéticas.



\* \* \* \* \*



Foto: Fred Jordão

\* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*



\* \* \* \* \*



## UM FILME PESSOAL DE LÍRIO FERREIRA

POR CELSO MARCONI

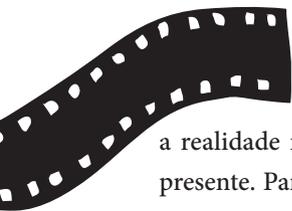


Sei que o cineasta Lírio Ferreira é e sempre foi considerado um cineasta “independente”, isto no sentido de que faz um cinema sempre com características pessoais. Seu cinema nunca teve nada com ‘indústria’, nem nos longas nem muito menos quando fez curtas. Mas esse *Árido Movie* — que, para começar, assumiu o título criado pelo jornalista/cineasta Amin Stepple Hiluey para um tipo de cinema que se fez (se faz?) em Pernambuco — apresenta uma desenvoltura enquanto criação de estrutura, que vai muito além das suas outras obras, principalmente as duas feitas quase que paralelamente, documentários. E quanto ao *Baile Perfumado*, seu primeiro longa-metragem, não foi feito com total autonomia, pois dividiu a direção com Paulo Caldas. Mas não é nem isso de ter dirigido em dupla, e sim a posição assumida, em sua subjetividade, nesse filme em referência, que me parece ter sido de alguém que resolveu só deixar aparecer aquilo que por ele fosse pensado (ou então assumido!).

*Árido Movie* se marca, em primeiro lugar, pela presença da maconha. E da droga como uma certa afirmação de maneira de viver. Os personagens urbanos vivem, todos eles, praticando o uso da droga, como uma ação de total naturalidade. A maconha é o elemento essencial, que a natureza pede, basta ver a sequência em que o trio perde tudo que tinha, mas quando Bob (Selton Mello) mostra que ainda conseguiu salvar, nas virilhas, um ‘cigarro’, a felicidade se instala novamente na nave espacial que é o carro. Lírio Ferreira não toma, em seu filme, uma posição de defesa ou condenação da droga, mas simplesmente deixa que ela surja como uma presença de tal natureza como se fosse um ato fisiológico; você faz porque tem que fazer. Ele deixa claro que o que acontece com aquelas ‘personas’, porém, não lhe

interessa que seja ou não algo de ‘toda a humanidade’; é aquela realidade do filme que está sendo vivenciada. *Árido Movie* cria um mundo especial, não pretende ser o ‘nosso’ mundo verdadeiro. A concepção que sentimos existir nesse filme é parecida com aquela que Magritte mostra ter, quando faz arte, e pintando um cachimbo, afirma: “isso não é um cachimbo”. Lírio Ferreira poderia muito bem afirmar (não tenho certeza se não o fez!), quando algum repórter lhe perguntasse se aquilo ali representado era o Nordeste, “isso não é o Nordeste”.

E a função da arte é essa mesma. Criar uma narrativa e, no caso do cinema, uma encenação dramática onde o espectador possa se reconhecer. Mesmo que considere que aquela realidade não é a em que ele esteja vivendo. *Árido Movie* nesse sentido (já o vi algumas vezes!) é um trabalho cinematográfico extraordinário. Porque consegue não ser didático, deixando a realidade num certo clima de fluidez. Com uma ludicidade bem presente. Parece que estamos brincando de cinema, ou de realidade, o tempo todo. E nisso ele se aproxima muito de certos cineastas franceses ou italianos (como Zurlini ou até Truffaut). E o núcleo do seu filme é uma cidadezinha chamada Rocha (sem dúvida uma homenagem ao mítico ‘pai’ do Cinema Novo) onde toda a ação se passa. E dali (sem querer lembrar o mestre do surrealismo!) tiramos todos os conceitos possíveis do que é o nosso Sertão. Um espectador não reflexivo certamente assistirá *Árido Movie* como um filme de ação, até bastante divertido, com mocinho (Jonas, o homem do clima), mocinha (a pesquisadora), bandidos e ‘não-bandidos’, amigos e ‘não-amigos’, tudo muito misturado. Mas para o espectador reflexivo, que vá colocando cada personagem como um dado, ou uma ‘pedra no quebra-cabeça’, a figuração criada por Lírio Ferreira é riquíssima. E você pode chegar a uma análise do nosso Sertão de uma maneira bem radical e explícita. Isto é, em pleno 2006, quando temos todo esse mundo urbano em São Paulo e mesmo em Boa Viagem/Recife, o Sertão (Rocha = Petrolina/Juazeiro/Cabrobó...) continua sendo uma terra onde o “coronel” continua mandando, deflorando mocinhas, tendo filhos e filhas não legítimos, mandando na política, até na água que o



Velho entrega como sagrada. Isto é, os poderosos mandam no corpo e na alma das pessoas. A dona de casa (Dona Carmo, Maria de Jesus Bacarelli, sempre grande intérprete) é a mesma mulher de princípios, que segue o marido como fiel e submissa, mas obrigando os filhos (e os 'não-filhos') a cumprirem as sinas erigidas pelas famílias.

E Lírío Ferreira foi arrasador na sua demonstração do novo Sertão, que traz os velhos dilemas tradicionais e junta com os modernos, sem se incomodar em utilizar os processos econômicos atuais, como a plantação de maconha. Uma visão que rescende do filme, muito longe da perspectiva armorialista, romantizada; e muito mais comprometida com algo euclidiano. O Sertão onde encontramos a seca (com a sua capacidade de se transformar em paisagens contrastadas e belas); a água como elemento de dominação tanto pelo profano como pelo sagrado. E a violência bruta da própria psicologia feudal que ainda domina as cabeças das pessoas.

Acho necessário observar que embora *Árido Movie* seja um filme com um conteúdo não ligado às visões culturais oficiais, predominantes na sociedade brasileira, é uma obra que segue os padrões clássicos cinematográficos. Algo a ser observado é que seu roteiro foi obra de quatro pessoas, além de Lírío temos Hilton Lacerda, Sérgio Oliveira e Eduardo Nunes como autores e, segundo se informa como uma 'curiosidade', o roteiro teve seis versões. *Árido Movie* é um filme pessoal, mas sem fugir a uma estruturação técnica primorosa. O roteiro foi escrito e reescrito, certamente de acordo com os desejos do realizador. E assim a sua narrativa segue as linhas clássicas, mas sem subordinações acadêmicas. Lírío mostra que é um cineasta — ou um artista criador — capaz de trabalhar com princípios de 'indústria' mas deixando sua marca, como aconteceu com vários cineastas norte-americanos das décadas de 40/50 do século XX.

Ainda, apesar do seu clima onírico e quase surrealista em algumas seqüências, queremos destacar



o trabalho de direção de atores, onde mesmo as pequenas pontas — como a feita pelo Jones Melo, cuja única ressalva que faria seria o fato de que o mesmo foi dublado (por quê?) — se mostram em plena grandeza de expressividade. É certo que Lírio Ferreira pode contar com um elenco em si de primeira ordem, atores experientes como um Pe-reio (só para citar um!), mas ele conseguiu criar unidade no trabalho, e mesmo um clima de naturalidade. Não de naturalismo, não seria o caso, pois o filme não é naturalista.

Olinda 27.6.09









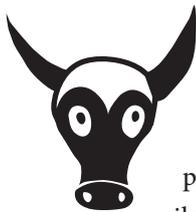


Foto: Fred Jordão



## DE CICLO A CENA

POR EDUARDO VALENTE



Dizer que o cinema pernambucano nasce em 1997 com *Baile Perfumado* seria, claro, um erro histórico óbvio. A começar pelo chamado “ciclo de Recife”, na década de 20 do século passado (que deixou pelo menos um filme para a História do cinema brasileiro, *Aitaré da Praia*), passando pelo *Canto do Mar* de Alberto Cavalcanti, chegando à numerosa produção ainda pouco conhecida de alguém como Fernando Spencer nos anos 70, Pernambuco pode dizer que tem a sua história, mesmo que acidentada, no cinema nacional. O que sem dúvida inaugura-se com *Baile Perfumado* é um sentimento de continuidade dentro desse cinema — algo que já permite, por exemplo, delinear ao menos duas gerações distintas.

A bem da verdade, a “geração Baile Perfumado”, muito bem representada aqui na mostra *É Massa!*, começa a se mover num momento anterior, que é o *boom* da produção de curtas na virada dos anos 80 para os anos 90. Mas sem dúvida é a força desse filme que lhes dá projeção nacional maior, e que empresta novo ânimo não apenas aos diretores do filme (Paulo Caldas e Lírio Ferreira), como também figuras que trabalharam no filme em outras posições (como o então diretor de produção Claudio Assis ou o roteirista Hilton Lacerda) ou que partilhavam os sonhos e ideias em projetos paralelos, como Marcelo Gomes ou Adelina Pontual.

No entanto, por mais bem sucedido e “empoderador” que tenha sido o filme em 97, já a partir de sua estreia no Festival de Brasília, é curioso notar como, ainda naquele momento, a realização plena de uma carreira no cinema a partir de Recife parecia algo improvável. Tanto assim que quase todos os acima citados vão morar em algum momento, de maneira mais ou menos permanente, no Rio de Janeiro

ou em São Paulo, e desenvolver seus projetos seguintes ou totalmente baseados nesses lugares (como é o caso de *Cartola*, de Lacerda e Ferreira; ou *O País do Desejo*, de Caldas) ou ao menos produzidos junto a empresas produtoras da região (caso de *Amarelo Manga*, de Assis; ou de *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Gomes).

Essa diáspora dos artistas originários de Pernambuco remete, num certo sentido, a um momento anterior, que levou ao Rio de Janeiro (e mais especificamente à Rede Globo) nomes como Guel Arraes e João



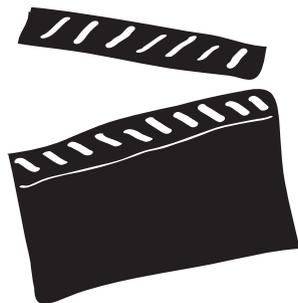
Falcão, que constroem trajetórias profissionais bastante significativas antes de voltar a Pernambuco anos depois, já consagrados, para filmar. Por isso, de fato obras como *O Auto da Compadecida* ou

*A Máquina* são filmes que talvez possam ser chamados mais exatamente de filmes feitos por pernambucanos e filmados em Pernambuco do que exatamente de “filmes pernambucanos” (considerando sua estrutura de produção e financiamento, principalmente, mas também sua relação com uma cena local).

Nesse sentido, a geração que vem logo a seguir a de *Baile Perfumado* já encontra um outro panorama. Não apenas pelo reconhecimento atingido por seus colegas, mas também por fatores como a revolução do digital na produção de cinema, que torna a cena local muito menos dependente, por exemplo, dos equipamentos de filmagem, pós-produção ou laboratórios somente existentes no Sudeste. Essa geração vai se beneficiar ainda de todo um cenário em torno da produção de filmes: Recife hoje tem cursos de cinema e audiovisual em nível universitário, possui ao menos dois cinemas de alto nível voltados para uma programação alternativa ao circuito comercial (o cinema da Fundação Joaquim Nabuco e o reformado Cinema São Luiz), é palco de pelo menos dois grandes festivais de cinema (o CinePE e o Janela de Cinema) e tem vários cineclubes ativos. Para além dessas condições básicas de fomento a novos artistas, cinéfilos e pensadores, Pernambuco possui uma política governamental firme de financiamento ao cinema, bastante abrangente e capaz de fomentar uma produção constante.

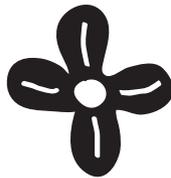
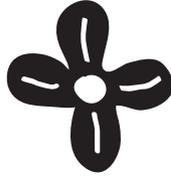
É nesse ambiente que pode frutificar uma figura como a de Kleber Mendonça Filho, que antes de atingir uma repercussão impressionante (no Brasil e fora dele) com o seu longa de estreia na ficção, *O Som Ao Redor*, passou anos trabalhando no Recife como programador do cinema da Fundaj e como crítico de cinema, além de realizar uma carreira de enorme sucesso como diretor de curtas e de um documentário em longa-metragem produzido de forma totalmente “caseira”. Da mesma maneira, é nesse ambiente que os jovens cineastas da novíssima geração (como Gabriel Mascaro, Marcelo Pedroso, Marcelo Lordello, Leonardo Lacca, Daniel Aragão, Sergio Oliveira, Renata Pinheiro, Leonardo Sette, Tião e vários outros) podem se sentir confiantes em estabelecer suas empresas de produção no próprio Recife, e em realizar seus vários projetos de longas e curtas sem precisar sair do seu Estado.

Hoje, com certeza, essa é a grande força da nova cena pernambucana: que ela se sinta confortável em sua própria terra, e que seja múltipla, com muitas levas de novos cineastas vindo aí em breve, sem que seus antecessores precisem ser deixados de lado.









## A EDUCAÇÃO DO CINEMA PERNAMBUCANO

POR WILSON FREIRE



Talvez, impulsionados pelo sucesso dos diretores e dos filmes realizados no Estado de Pernambuco, desde a chamada Retomada do Cinema Brasileiro, quando do lançamento do filme *O Baile Perfumado*, Lírío Ferreira e Paulo Caldas, 1996, até o *Som ao Redor*, de Kleber Mendonça Filho, 2012, que instituições públicas Federal, Estadual e Municipal, além de produtoras e realizadores, têm investido na capacitação de jovens e na reciclagem de profissionais já inseridos no mercado de trabalho do audiovisual.

Segundo Cynthia Falcão, da Coordenação da Massangana Multimídia Produções, Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundação Joaquim Nabuco, desde abril de 2008 que o Centro Audiovisual Norte-Nordeste, CANNE, realizou 119 cursos de formação em audiovisual gratuitos, de curta duração, nas regiões Norte e Nordeste, capacitando 2.469 alunos — profissionais, professores e estudantes de cinema, comunicação e artes, com faixa etária que varia entre 18 e 45 anos —. Já apoiou 35 obras audiovisuais dos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, através da cessão dos equipamentos de filmagem e edição. Neste período, foram investidos em capacitação, o montante de R\$ 2.001.136,00 pelo Governo Federal.

O Governo do Estado, por sua vez, mantém um edital anual no qual também destina recursos para esta área. Sandra Ribeiro, diretora da ONG Aurora Filmes, uma das pioneiras da realização de cursos de formação e também beneficiada por estes concursos públicos, desde 2006, afirma já ter formado cerca 450 alunos na faixa etária de 16 a 24 anos, oriundos das escolas públicas do estado. Estes já produziram 19 filmes de curta-metragem. Dos egressos desses cursos, cerca de 20% estão inseridos no mercado de trabalho local.

Outra beneficiada por estes editais, Alice Gouveia, diretora do projeto Realizando Em Um Minuto, informa que desde 2009 o projeto já formou cerca de 600 adolescentes, também provenientes da rede pública de ensino, e já produziu cerca de 500 filmes de 1 minuto. Esses cursos não formam técnicos ou realizadores, diz a diretora, mas estimulam o fazer, abrindo possibilidades profissionais. “Atualmente é mais uma maneira de apresentarem seus discursos e falas através do cinema”, conclui. Um exemplo disso: dos ex-alunos, seis estão cursando graduação em cinema na UFPE.

Maria Pessoa, diretora da Blue Filmes e Produções, há 15 anos, vem desenvolvendo atividades de formação em audiovisual, muito antes dos editais públicos. Já formou cerca de 150 alunos



na faixa etária entre 17 e 25 anos. Tem cerca de 50 filmes. Segundo ela, o curso é de grande importância, pois é preciso que exista espaço para experimentação.

Aprender em equipe, na prática e nos erros. O Curta em

Curso em 16mm, ajudou a despertar o gosto pela atividade e os alunos continuaram produzindo e se aperfeiçoando. Já foram alunos, diretores como Tião (prêmio Regard Neuf da Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, 2008), Marcelo Lordello (vencedor entre outros festivais, do de Brasília, 2012), Leo Lacca (melhor diretor com o filme curta-metragem Décimo Segundo, festival de Brasília, 2007), além de técnicos de som e editores.

Andrea Mota, diretora do Cine Cabeça desde 2007, diz que este projeto atua em três frentes. A primeira, Escola no Cinema, disponibiliza ônibus e monitores que conduzem alunos de 88 escolas da rede pública de ensino ao Projeto São Luís, (referência ao homônimo e tradicional cinema de rua, inaugurado no centro do Recife em 1952), onde são exibidos filmes de curta e longa metragens. Já levou cerca de 60.000 alunos. A segunda, Cabeça de Cinema, seleciona, dentre as 88 escolas, 12, que recebem cursos de iniciação audiovisual. Esta, desde o segundo semestre de 2012, já formou 360 alunos entre 13 e 18 anos, que já produziram 23 filmes. E, a terceira, Cinema na Cabeça, ação cineclubista, onde são oferecidos 30 oficinas de cine clubismo a

30 escolas públicas estaduais, nas quais são montados cineclubes. Todos têm o financiamento da Secretaria de Educação do Governo do Estado.

E daí, qual a relação do poema *A Educação Pela Pedra*, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, com a geração ainda em formação de futuros cineastas, nas terras do aclamado escritor? Para mim, é o processo de formação que os interessados em tornarem-se fazedores de filmes, em todas essas atividades acima descritas estão vivenciando. Vejamos esta estrofe da obra literária.

*“Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção, ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la”.*

Ou seja:

*Uma educação pelo cinema: por lições;*

*Para aprender da imagem, frequentá-la (como os 60 mil alunos que já sentaram nas poltronas do belo Cinema São Luís)*

*Captar sua voz interior e pessoal (como a novíssima safra de cineastas, destaque no cenário nacional e internacional, cada um fazendo suas leituras de mundo)*

*(pela de visão ela começa as aulas) é preciso aprender a ver. Isso é muito mais que assistir.*

*A lição de moral, o claro-escuro.*

*Pelo abrir e fechar da íris da lente*

*A de cinéfila, sua imagem maleável:*

*A de economia, seu adensar-se compacto (aqui a semelhança entre a poesia e o cinema: ambos enxutos nas suas formas de expressão)*

*Lições de imagem (de dentro para fora, Tela aberta) para quem decifrá-la.*

Ou como disse o nosso Poeta Maior, no seu Monumento à Aspirina:

*“Claramente: o mais prático dos sóis...”.*

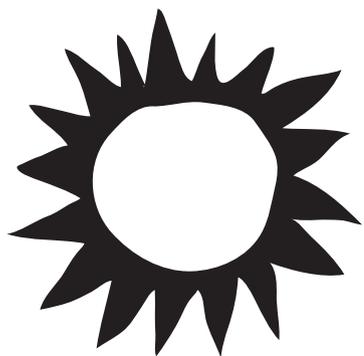
✚➔ WILSON FREIRE é médico (UFPE), cineasta, Co-roteirista, com Heitor Dhalia, do longa-metragem “As Três Marias”; Compositor (prêmio Sharp de Música 1996– Parceria com Antônio Nóbrega no CD: “Na Pancada do Ganzá” e escritor do romance *A Mulher que queria ser Micheliny Verunschik*. Edith - 2011.











# FILMOGRAFIA

---



### **Baile perfumado**

de *Paulo Caldas e Lirio Ferreira* (1996, 93 min, ficção, 35mm, 16 anos)

O filme é focado na história de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, contudo de uma maneira diferente da usual, com o rei do cangaço deslumbrando-se com a modernidade d'antanho, como a fotografia, o uísque escocês e o perfume francês, de onde vem o título da obra. Tudo se inicia com a morte de Padre Cícero em 1934 e se encerra em 1938, na morte de Lampião.

Roteiro: *Hilton Lacerda, Lirio Ferreira, Paulo Caldas*

Elenco: *Aramis Trindade, Chico Díaz, Cláudio Mamberti, Duda Mamberti, Jofre Soares, Luís Carlos Vasconcelos*

Produção: *Aramis Trindade, Germano Coelho Filho, Lirio Ferreira, Marcelo Pinheiro, Paulo Caldas*

Fotografia: *Paulo Jacinto dos Reis*

Trilha Sonora: *Chico Science, Fred Zero Quatro, Lúcio Maia, Paulo Rafael, Siba*

### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *FESTIVAL DE BRASÍLIA DE 1996.*

*Vencedor de melhor filme, melhor cenografia e melhor ator coadjuvante (Aramis Trindade).*

· *FESTIVAL DE HAVANA (CUBA) DE 1997.*

*Vencedor de melhor cartaz.*

· *PRÊMIO APCA DE 1998. Vencedor de melhor trilha sonora e melhor ator coadjuvante (Luiz Carlos Vasconcelos).*



Foto: Fred Jordão



### **Árido movie**

de *Lírio Ferreira* (2006, 115 min, ficção, DVD, 16 anos)

Road movie nordestino. Entre o interior de Pernambuco e a grande São Paulo, um assassinato interligará dois personagens aparentemente distintos. Mas não só isso, um grupo de jovens transita num velho conversível, sem saber direito para onde vão, em meio aos dramas de corrupção política e a miséria de um povo castigado pela seca.

Roteiro: *Eduardo Nunes, Hilton Lacerda, Lírio Ferreira, Sérgio Oliveira*  
Elenco: *Aramis Trindade, Giulia Gam, Guilherme Weber, Gustavo Falcão, Matheus Nachtergaele, Selton Mello*

Produção: *Lírio Ferreira, Murilo Salles*  
Fotografia: *Murilo Salles*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· **GRANDE PRÊMIO CINEMA BRASIL.** Vencedor de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (*José Dumont*), Melhor Ator Coadjuvante (*Selton Mello* e *Aramis Trindade*), Melhor Atriz

Coadjuvante (*Mariana Lima*), Melhor Roteiro Original, Melhor Figurino, Melhor Trilha Sonora, Melhor Direção de Arte, Melhor Fotografia e Melhor Som.

· **CINE PE — FESTIVAL DE PERNAMBUCO.** Vencedor de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (*Selton Mello*), Melhor Fotografia, Melhor Edição e Prêmio da Crítica.

· **FESTIVAL DE CINEMA BRASILEIRO DE MIAMI.** Vencedor de Melhor Diretor.



### **A máquina**

*de João Falcão (2006, 90 min, ficção, 35mm, Livre)*

Baseado no livro de Adriana Falcão e em peça teatral do próprio diretor. Na pequena e pacata cidade de Nordestina, interior de Pernambuco, Karina anseia se mudar para a capital, no intuito de tornar-se atriz. Por amor a ela, um jovem vai até um popular programa de TV e promete o inusitado: viajar no tempo. Interessante exercício alegórico sobre o amor.

Direção: *João Falcão*

Roteiro: *João Falcão*

Elenco: *Aramis Trindade, Edmilson*

*Barros, Gustavo Falcão, Lázaro Ramos,*

*Mariana Ximenes, Paulo Autran,*

*Wagner Moura*

Produção: *Diler Trindade*

Fotografia: *Walter Carvalho*

Trilha Sonora: *Chico Buarque de*

*Hollanda, DJ Dolores, Robertinho de*

*Recife*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· **PRIMEIRO FESTCINE GOLÂNIA.**

*Vencedor de melhor filme de ficção,*

*melhor trilha sonora, melhor roteiro e*

*melhor atriz (Mariana Ximenes)*

### **Cinema, aspirinas e urubus**

*de Marcelo Gomes (2005, 90 min, ficção, 35mm, 14 anos)*

Mais um arretado road movie do Nordeste. Em 1942, no interior do sertão, um alemão em fuga da guerra e um brasileiro em fuga da seca, resolvem unir forças para vender um “produto milagroso” e levantar uma boa grana. Ao mesmo tempo exibem filmes para pessoas que sequer imaginavam o que era o cinema. A experiência adquirida pela estranha dupla mudará suas vidas para sempre.

Roteiro: *Karim Ainouz, Marcelo Gomes, PAULO. Prêmio máximo de Melhor Filme, Melhor Ator (João Miguel) e Paulo Caldas*

Elenco: *Fabiana Pirro, Hermila Guedes, Prêmio da Crítica.*

*Trandhir Santos, José Leite, Osvaldo Mil, AMAZONAS FILM FESTIVAL 2005.*

*Peter Ketnath, Zezita Matos Prêmio Especial do Júri.*

Produção: *João Vieira Jr, Maria FESTIVAL DE SANTA MARIA DA FEIRA -*

*Ionescu, Sara Silveira PORTUGAL 2005. Melhor Filme do Júri e*

*Fotografia: Mauro Pinheiro Jr Melhor Filme do Clube de Cinema.*

Trilha Sonora: *Tomaz Alves Souza FESTIVAL INTERNACIONAL DE MAR*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· “PRÊMIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL”,

*criado pelo Ministério da Educação Nacional.*

· FESTIVAL INTERNACIONAL DO RIO

*DE JANEIRO: Prêmio Especial do Júri e Melhor Ator.*

· 29ª MOSTRA INTERNACIONAL DE SÃO

*PAULO. Prêmio máximo de Melhor Filme, Melhor Ator (João Miguel) e*

*Prêmio da Crítica.*

*AMAZONAS FILM FESTIVAL 2005.*

*Prêmio Especial do Júri.*

*FESTIVAL DE SANTA MARIA DA FEIRA -*

*PORTUGAL 2005. Melhor Filme do Júri e*

*Melhor Filme do Clube de Cinema.*

*FESTIVAL INTERNACIONAL DE MAR*

*DEL PLATA - ARGENTINA 2006. Melhor*

*Filme Iberoamericano.*

*FESTIVAL INTERNACIONAL DE*

*GUADALAJARA - MÉXICO 2006. Melhor*

*Filme Iberoamericano e Melhor Ator*

*(João Miguel).*

*PRÊMIO APCA DE 2005. Vencedor de*

*Melhor Filme e Melhor Fotografia.*



### O som ao redor

de *Kléber Mendonça Filho* (2013, 131 min, ficção, 35mm, 16 anos)

Numa comunidade de classe média na Recife atual, a milícia oferece seus préstimos, entretanto o que é segurança e tranquilidade para uns, é tensão e preocupação para outros. Paralelo a isso, uma dona de casa estressada tem muitos problemas com o cachorro do vizinho que não para de latir.

Roteiro: *Kleber Mendonça Filho*

Elenco: *Clébia Souza, Gustavo Jahn,*

*Trandhir Santos, Irma Brown, Lula*

*Terra, Maeve Jinkings, Maria Luiza*

*Tavares, Sebastião Formiga, W. J. Solha,*

*Waldemar José Solha, Yuri Holanda*

Produção: *Emilie Lesclaux*

Fotografia: *Pedro Sotero*

Trilha Sonora: *DJ Dolores*

### PRINCIPAIS PRÊMIOS

· 36ª MOSTRA INTERNACIONAL DE

CINEMA DE SÃO PAULO. Vencedor de  
*Melhor Filme*

· PRÊMIO ITAMARATY. *Melhor Filme*

· FESTIVAL DO RIO. *Melhor Filme*

· FESTIVAL DE GRAMADO. *Melhor Filme,*  
*Melhor Som e Filme da Crítica*

· FESTIVAL DE ROTERDÃ. *Prêmio da crítica*

· FESTIVAL DA POLÔNIA. *Melhor Filme*

· FESTIVAL DE COPENHAGUE. *Melhor Filme*

· FESTIVAL DE NOVA YORK. *Melhor Filme*





### **A febre do rato**

*de Cláudio Assis (2012, 110 min, ficção, 35mm, 18 anos)*

O título é uma típica expressão recifense que se dá a quem está “com a corda toda” ou fora de controle e também é o nome do jornal criado e distribuído pelo transgressor poeta de rua, Zizo. A vida desse sujeito e a rica fauna humana que o cerca dá o tom em mais esse infectível exemplar do cinema de Cláudio Assis.

Roteiro: *Hilton Lacerda*

Elenco: *Ângela Leal, Conceição*

*Camarotti, Hugo Gila, Irandhir Santos,*

*Juliano Cazarré, Maria Gladys, Mariana*

*Nunes, Matheus Nachtergaele, Nanda*

*Costa, Tânia Granussi, Victor Araújo*

Produção: *Cláudio Assis, Julia Moraes*

Fotografia: *Walter Carvalho*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

*· FESTIVAL DE PAULÍNIA 2011, Melhor*

*Filme, Melhor Ator (Irandhir Santos),*

*Melhor Atriz (Nanda Costa), Melhor*

*Fotografia, Melhor Direção de Arte,*

*Melhor Trilha Sonora, Melhor Edição e*

*Prêmio da Crítica*

*· FESTIVAL DE CINEMA DE HAVANA EM*

*NOVA YORK. Prêmio Havana Star de*

*Melhor Filme*

*· FESTIN LISBOA. Melhor filme de ficção*



### **O RAP do pequeno príncipe contra as almas sebosas**

*de Paulo Caldas e Marcelo Luna (2000, 75 min, documentário 35mm, 16 anos)*

Na verdade um “docudrama” mostrando a dura realidade da periferia recifense nas figuras de Helinho que, com apenas 21 anos, leva a alcunha de Pequeno Príncipe e é acusado de eliminar 65 bandidos e Garnizé, um rapper de 26 anos e sua banda Faces do Subúrbio. Um panorama onde fica bem claro que não existe muita diferença entre periferias do Recife, Rio e São Paulo, entre outras cidades, quer sejam grandes ou pequenas.

Roteiro: *Fred Jordão, Marcelo Luna, Paulo Caldas*

Produção: *Clélia Bessa, Danniella Hoover, João Júnior, Luís Vidal*

Fotografia: *André Horta*

Trilha Sonora: *Alexandre Garnize, DJ Dolores, Edi Rock, Ice Blue, Mano Brown*

### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE BRASÍLIA. Melhor Filme pelo Público.*

· *V FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS É TUDO VERDADE. Melhor Filme pelo Público e o Prêmio GNT de Renovação de Linguagem do Documentário Brasileiro.*

### **Doméstica**

de Gabriel Mascaro (2013, 75 min, documentário, DVD, 10 anos)

Durante uma semana, sete jovens filmam o cotidiano de suas empregadas domésticas. O resultado do trabalho é entregue ao diretor para que este compile o material amador e transforme num filme. A obra se mostra de extrema sensibilidade e respeito com tão nobre profissão.

Roteiro: *Gabriel Mascaro*

Produção: *Rachel Ellis*

Fotografia: *Alana Fabel, Ana Beatriz de Oliveira, Jenifer Rodrigues, Juana de Castro, Luis Felipe Godinho, Perla Kindi, Valdomiro Neto*

### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *Menção Honrosa no HOLLYWOOD BRAZILIAN FILM FESTIVAL em 2013*



**Avenida Brasília formosa**

de Gabriel Mascaro (2010, 85 min, documentário, DVD, 12 anos)

O garçom cinegrafista Fábio documenta o dia a dia na Avenida Brasília Teimosa em Recife. Mais um ponto para Mascaro que ao selecionar as imagens, oferece um documentário rico em arquitetura e valores humanos.

Roteiro: *Gabriel Mascaro*

Colorido

Distribuidora: *Vitrine Filmes*

**PRINCIPAIS PRÊMIOS**

- *FESTIVAL CINE LAS AMÉRICAS (Austin, EUA) — Melhor documentário*
- *Fez parte da SELEÇÃO OFICIAL DOS FESTIVAIS DE ROTTERDAM E DE MUNIQUE, em 2010.*





### **O rochedo e a estrela**

de *Katia Mesel* (2012, 80 min, documentário, DVD, 14 anos)

Narra a expansão do judaísmo em Pernambuco no século XVII e a fundação de Zur Israel, a primeira sinagoga das Américas, devido a permissão de Maurício de Nassau para a liberdade de crença religiosa. Um trabalho hercúleo de sua diretora em seus quase dez anos de produção.

Fotografia: *Rodolfo Sánchez*

Trilha Sonora: *Lula Côrtes*

Colorido

Distribuidora: *Arrecifes Produções*

### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *HORS CONCOURS* no encerramento  
da 15ª edição do *CINE PE*.



### **Na quadrada das águas perdidas**

*de Marcos Carvalho e Wagner Miranda (2013, 75 min, ficção, DVD, Livre)*

Sem diálogos e apenas com UM ator, o filme consegue passar a grandeza da paisagem nordestina, através de uma esmerada trilha sonora e na saga de Olegário, um sertanejo que atravessa a pé um trecho da caatinga, confrontando-se consigo mesmo, enquanto põe a prova sentimentos como medo, cansaço e religiosidade.

Roteiro: *Marcos Carvalho, Wagner Miranda*

Elenco: *Matheus Nachtergaele*

Produção: *Mont Serrat Filmes*

Fotografia: *Camilo Melo, Marcos Carvalho, Wagner Miranda*

Trilha Sonora: *Elomar Figueira Mello, Geraldo Azevedo, Grupo Matingueiros*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *FESTIVAL BRASIL DE CINEMA INTERNACIONAL. Melhor ator (Matheus*

*Nachtergaele) e melhor diretor (Marcos Carvalho e Wagner Miranda)*

· *FATU — VIII FESTIVAL BRASILEIRO DE FILMES DE AVENTURA E TURISMO. Melhor roteiro*

· *FESTIVAL DE CINEMA DE TRIUNFO — 2011. Melhor filme, melhor fotografia e melhor trilha sonora*

· *Prêmio Federação Pernambucana de Cineclubes - XVI CINE-PE FESTIVAL DO AUDIOVISUAL — 2012*

### **Pernambucanos — O Caribe que nos une**

*de Nilton Pereira (2013, 73 min, documentário, DVD, 14 anos)*

Semelhanças culturais e religiosas entre Cuba e Pernambuco. A diretora de teatro cubana, Fatima Patterson, e a artista e mãe de santo pernambucana, Bete de Oxum, exibem similaridades e diferenças entre Recife, Olinda e Nazaré da Mata com Santiago de Cuba, Baracoa, Guantanamo, Barrancas, Matanzas e Sierra Maestra. Um Caribe cultural que ultrapassa fronteiras com o auxílio de suas histórias.

Roteiro: *Nilton Pereira*

Fotografia: *Nilton Pereira*

Montagem: *Natara Ney, Mair Tavares e Tina Saphira*

Trilha Sonora: *Galo Preto*

País: *Brasil/Cuba*

### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· Concorrendo a melhor filme, diretor e roteiro pelo “TROFÉU CACTO DE OURO” 2013. (Até o fechamento deste catálogo, ainda não havia o resultado)



**Viajo porque preciso, volto porque te amo**

de *Marcelo Gomes e Karim Ainouz* (2009, 75 min, ficção, DVD, 14 anos)

José Renato, um geólogo de 35 anos, é enviado para realizar uma pesquisa de campo durante a qual terá que atravessar todo o Sertão, região semi-desértica, isolada, situada no Nordeste. Por onde ele passa, muito drama e tristeza, além do drama amoroso de si próprio. Uma viagem dolorosa e gradativamente reveladora.

Roteiro: *Eduardo Bernardes, Karim*

*Ainouz, Marcelo Gomes*

Elenco: *Trandhir Santos*

Produção: *Daniela Capelato*

Fotografia: *Heloísa Passos*

Trilha Sonora: *Chambaril*

**PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· *Festival do Rio 2009. Melhor Direção e Fotografia.*

· *Exibido na Mostra Horizonte do Festival de Veneza.*





### **A filha do advogado**

de J. Soares (1926, 100 min, ficção, DVD, 14 anos)

Filme mudo do chamado "Ciclo do Recife", é considerado um dos mais importantes do cinema brasileiro. Traz o drama de um advogado e o romance de sua filha que a leva a tentar sair do país. Contratempos culminarão num assassinato que se encaminhará ao julgamento final. Apesar da quase centenária produção, ainda impressiona pela atualidade dramática.

Roteiro: *Costa Monteiro e Ary Severo*

Elenco: *Demétrio Age, Creusa*

*Albuquerque, Guiomar Teixeira,*

*Norberto Teixeira, J. Soares, Ferreira*

*Castro, Valderéz de Souza, Euclides*

*Jardim, Luiz Marques, Olegário*

*Azevedo, Jasmelina Oliveira, Olíria*

*Salgado, Pedro Salgado*

Fotografia: *Edson Chagas*

Direção de Arte: *Fausto Silvério*

*Monteiro*

Produtora: *Aurora Filmes*

#### **PRINCIPAIS PRÊMIOS**

· Não há registro de prêmios



**A onda traz, o vento leva**

*de Gabriel Mascaro (2012, DVD, 28 min, 14 anos)*

Rodrigo é surdo e trabalha numa equipadora instalando som em carros. O filme é uma jornada sensorial sobre um cotidiano marcado por ruídos, vibrações, incomunicabilidade, ambigüidade e dúvidas.

**Calma Monga, calma**

*de Petrônio de Lorena (2011, DVD, 19 min, 14 anos)*

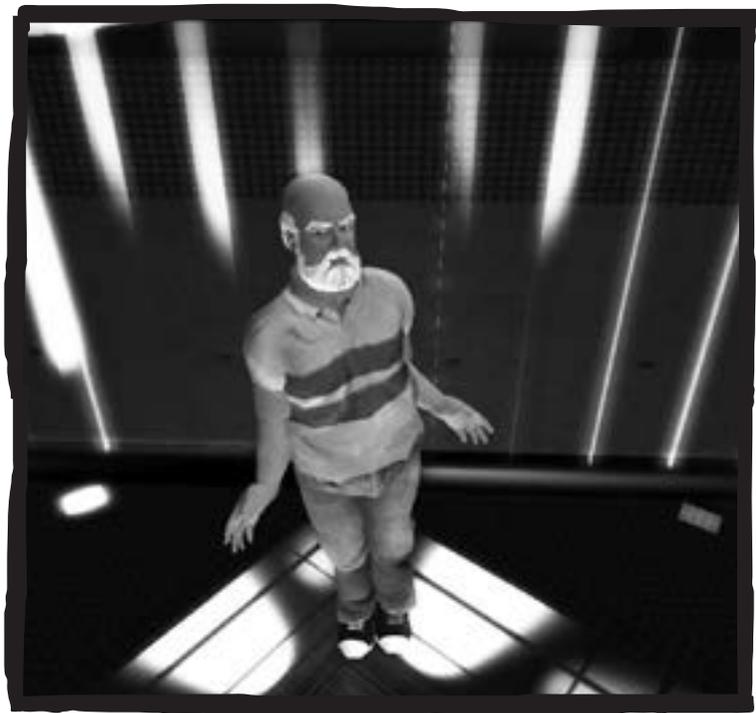
Psicopata misteriosa chama a atenção da polícia e do jornalismo investigativo a partir de ataques simiescos aos varões da sociedade recifense.



### **As aventuras de Paulo Bruscky**

*de Gabriel Mascaro (2010, DVD, 20 min, 14 anos)*

O artista Paulo Bruscky entra na plataforma de relacionamento virtual "Second Life" e conhece um ex-diretor de cinema, Gabriel Mascaro, que hoje vive, se diverte e trabalha fazendo filmes na rede virtual. Paulo encomenda a Gabriel um registro machinima em formato de documentário de suas aventuras no "Second Life". Paulo Bruscky foi um pioneiro na gravação eletrônica, projeção de diapositivos, fac-símile, filme super-8, vídeo, xerox, off-set e mimeógrafo. Possui importante acervo documental das vanguardas artísticas do pós-guerra, incluindo trabalhos originais do Grupo Fluxus e Gutai (Japão), tendo mantido correspondência regular com alguns de seus membros. No período de 1979 a 1982 realizou 30 videoartes. Em 1980, inventou os "xerofilmes", que são filmes feitos a partir de imagens xerográficas, abrindo um novo campo para o desenho animado e o cinema experimental.





**A gira**

*de Katia Mesel (2012, DVD, 16 min, 14 anos)*

Mostra as diversas manifestações, rituais, toques, maracatus, cavalos marinhos, terreiros, personagens, mestres, brincantes, iaôs, que tão magicamente transmitem emoção, ludicidade e transcendência, elementos basilares desta forte e múltipla cultura afro brasileira.



### **O som da luz do trovão**

*de Petrônio de Lorena e Tiago Scorza (2005, DVD, 20 min, 14 anos)*

Um artista singular, um inventor, um criador, um teórico, sendo um autodidata. Já construiu quatro câmeras 35mm, uma asa delta, bonecas metálicas e armas de fogo em formatos inusitados como bengalas ou torneiras, além de desenvolver teorias próprias de Astrofísica a partir de suas observações. Evangelista reinventa objetos, confeccionando peças, criando novos sistemas de funcionamento e desenvolvendo designs únicos. Devido ao caráter estético e ao mesmo tempo funcional de suas invenções, pode ser considerado tanto um artista plástico quanto um experimentador científico.

**Recife frio**

*de Kléber Mendonça Filho (2009, DVD, 24 min, 14 anos)*

A cidade brasileira de Recife, que já foi tropical, agora é fria, chuvosa e triste, depois de passar por uma desconhecida mudança climática.



**Vinil verde**

*de Kléber Mendonça Filho (2004, DVD, 13 min, 14 anos)*

Mãe dá a Filha uma caixa cheia de velhos disquinhos coloridos. A menina pode ouvi-los, exceto o vinil verde.



**Eletrodoméstica**

*de Kléber Mendonça Filho (2005, DVD, 22 min, 14 anos)*

Classe média, anos 90, 220 volts.



### **Aitaré da praia**

*de Gentil Roiz (1925, DVD, 60 min, 14 anos)*

Aitaré namora Cora, uma moça da aldeia. Numa viagem de jangada em dia tempestuoso, ele salva o rico Coronel Felipe Rosa e sua filha, que ficam retidos nessa pequena aldeia de pescadores até a chegada de um barco, que os leva de volta ao Recife. Por causa de intrigas, Aitaré e Cora se desentendem. Somente cinco anos mais tarde será esclarecido e eles se reconciliarão.

### **Veneza americana**

*de Ugo Falangola e Jota Cambieri (1924, DVD, 69 min, 14 anos)*

Documentário que mostra as obras do governador de Pernambuco, Sérgio Lorêto.



### **Revezes**

*de Chagas Ribeiro (1927, DVD, 44 min, 14 anos)*

Narra luta por posse de terras.

**Sessão Cinema no interior — Sertões de Pernambuco**

*diversos diretores (Curtas-metragens, DVD, 122 min, 14 anos)*

O cavaleiro de São José

A promessa

Umbilina

Verde vento

O saco do velho

Um amor ao pôr do sol

Entre, Lua, a casa é sua

Zoma

**Sessão Paulo Bruscky — Filmes de artista/vídeo arte e intervenções urbanas — Parte I**

*(Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 59 min, 14 anos)*

Registros

Olinda

Viagem

Paulo Bruscky, Bruxo

Reflection

Composições no fio

Via Crucis

Poema

VT 8

LMNUZX, Fogo!

Xeroperformance

Lubis

Performance para 2 elevadores

A grande marcha (12 de julho)

Partituras velozes

**Sessão Paulo Bruscky — Filmes de artista/vídeo arte e intervenções urbanas — Parte II**

*(Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 67 min, 14 anos)*

Registros de viagem

A estética do camelô

Arte/Pare

Artexpocorponde

Poesia viva

Arte cemiterial

Reflection II

Roteiro para reflexos

Vitrines e cartões postais

Arquitetura do imaginário

Graffites de New York

Janelas de Amsterdam

Roteiro para reflexos II

Amsterdam erótica

Aépta

Exercícios (exposição)

Exercícios (continuação)

**Sessão Celso Marconi — Artes plásticas 1**

*de Celso Marconi (Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 72 min, 14 anos)*

Corbiniano Lins — Sua arte  
Ana das Carrancas

Bajado — Um artista de Olinda  
Sergio Lemos — Sua arte

**Sessão Celso Marconi — Artes plásticas 2**

*de Celso Marconi (Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 78 min, 14 anos)*

Maurício Silva — Uma exposição  
“Seu” Amaro — Um artista da rua  
Que viva Glauber!

Quatro × Arte  
40.000 anos de arte no Nordeste —  
Da pré história até nossos dias

**Sessão Celso Marconi — Religião**

*de Celso Marconi (Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 68 min, 14 anos)*

Morro da Conceição — Dia 8/a festa

Dia de babá orixalá — Dona Betinha

**Sessão Celso Marconi — Cinema e folclore**

*de Celso Marconi (Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 68 min, 14 anos)*

Cinema  
Feira de Caruaru

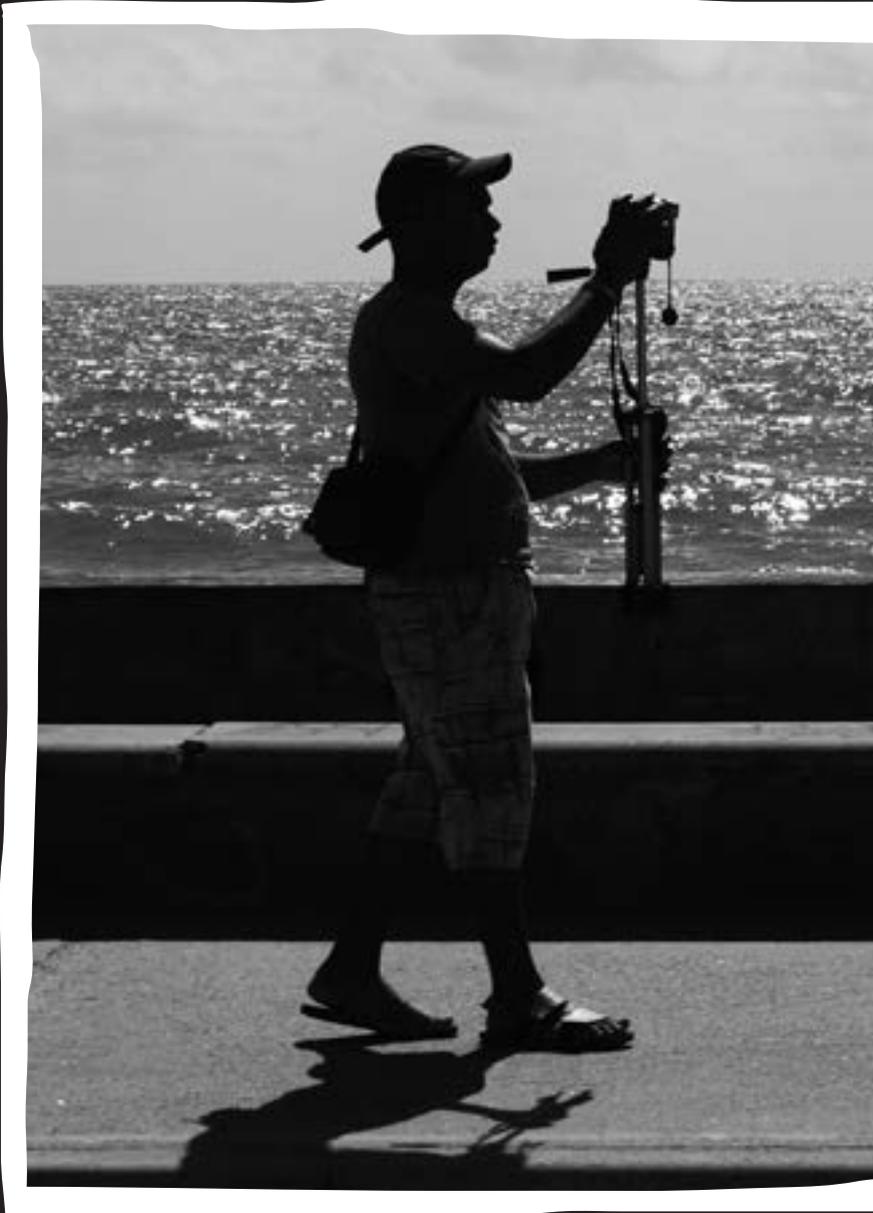
Bacamarteiros de Caruaru

**Sessão Celso Marconi — Tema livre**

*de Celso Marconi (Curtas-metragens, Super 8/Video, DVD, 68 min, 14 anos)*

Manguacidade  
Terra Ying  
Como nossos pais?  
Achados e perdidos

Passeio em Itaparica  
Recife O Km  
Flagrantes







# DEBATE

## O cinema pernambucano

DIA 22 DE AGOSTO, ÀS 19H

com os cineastas Celso Marconi, Natara Ney e Petrônio de Lorena.

Mediação do pesquisador Ricardo Freitas.



\* \* \* \* \*



\* \* \* \* \*

# AGRADECIMENTOS

Alexandre Lino  
Almir Castro Barros  
Ana Claudia Dias Vasconcelos  
Ana Moura  
Ana Tito  
Andre Gil  
Andre Soares  
Andrea Amorim  
Arthur Amorim  
Carlos Ramos  
Carolina Guanabara  
Cavi Borges  
Celso Marconi  
Claudio Assis  
Daniela Capelato  
Diana Iliescu  
Elias Oliveira  
Felip Kusnitzki  
Fred Jordão  
Gabriel Mascaro  
Gertrud Keusen  
Gláucia Luna Meira  
Hernani Heffner  
Jaqueline Alves dos Santos Renovato  
João Falcão  
João Vieira Jr.  
João Vinicius Saraiva  
José Ferreira Gomes  
Julio Katona  
Katia Mesel  
Kilma Luna Castro Barros  
Kléber Mendonça Filho  
Laura Luna  
Leda Borges  
Ligia Gabarra

Lirio Ferreira  
Luiz Gennari  
Marcelo Luna  
Marcelo Pereira  
Marcos Carvalho  
Margarida Maria Lira Gomes  
Maria do Socorro Carvalho Monteiro  
Maria Rita Stumpf  
Mauro Carvalho  
Miriam Juvino  
Myriam Monteiro  
Natara Ney  
Nelson Macedo  
Nilton Pereira  
Pablo Luna  
Pai Antonio das Almas  
Patricia Novais  
Paulo Bruscky  
Paulo Caldas  
Petronio de Lorena  
Ricardo Freitas  
Roberto de Castro Monteiro  
Silvana Meireles  
Suellen Felix  
Suzete Santos  
Tarcila Jacob  
Tiago Scorza  
Vanessa Barbosa  
Wagner Miranda  
Wilson Freire

E toda a equipe da CAIXA Cultural  
Rio de Janeiro

**Presidenta da República**

Dilma Vana Rousseff

**Ministro de Estado da Fazenda**

Guido Mantega

**Presidente da****Caixa Econômica Federal**

Jorge Fontes Hereda

## FICHA TÉCNICA

**Coordenação geral**

Valéria Luna

**Curadoria**

Breno Lira Gomes

Valéria Luna

**Produção executiva**

Breno Lira Gomes

**Produção**

Ana Florença

João Monteiro

**Estagiário**

Bruno Imenes

**Monitoria**

Gregory Baltz

Kaka Couto

**Coordenação editorial  
& produção do catálogo**

Angélica Coutinho

**Criação da identidade visual**

Mavi Pugliesi

Ulisses Tenorio

**Programação visual**

Guilherme Lopes Moura

**Revisão de textos**

Antero Leivas

**Divulgação sites de redes sociais**

Rivello/Menta

**Vinheta**

Fernanda Teixeira

**Assessoria de imprensa**

Mais e Melhores

**Registro fotográfico**

Cátia Castilho

**Registro videográfico**

Joaquim Delphim

**Distribuição de material gráfico**

Divulgart

**Impressão material gráfico**

Gráfica Stampapa

**Transporte de produção**

Paulo Rosa

**Transporte de cópias**

Fênix Cargo Transporte

**Adaptação de textos para projeto  
de captação de recursos**

Ana Claudia Dias Vasconcelos



20/08 A 01/09 DE 2013

CAIXA Cultural Rio de Janeiro  
Cinema 1 e 2

Av. Almirante Barroso, 25,  
Centro, Rio de Janeiro

21 3980-3815

R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia)

[www.caixa.gov.br/caixacultural](http://www.caixa.gov.br/caixacultural)

[www.artimanhaproducoes.com.br/emassa](http://www.artimanhaproducoes.com.br/emassa)

 Artimanha Produções Culturais

O cordel “A mostra é massa de cinema e o cordelista encantado” e as sinopses comentadas das longas-metragens são de autoria de Antero Leivas.



O boneco *O Cineasta* foi especialmente criado por Pablo Luna para a mostra *É Massa! 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco*.





PROMOÇÃO

revista **piauí**

## APOIO INSTITUCIONAL

Cinemateca do 

Fundação  
Joaquim  
Nabuco



Ministério da  
Educação

## APOIO CULTURAL



Largo dos Leões, 35, Loja A  
Humaitá, Rio de Janeiro  
[osteriapolicarpo.com.br](http://osteriapolicarpo.com.br)

Rua Gago Coutinho, 8  
Laranjeiras, Rio de Janeiro  
[restaurantekatsushika.com](http://restaurantekatsushika.com)



Foto: Fred João









ISBN 978-85-66110-04-3  
VENDA PROIBIDA

REALIZAÇÃO

**ARTMANA**  
PRODUÇÕES

PRODUÇÃO

**blg**  
www.blg.com.br

PATROCÍNIO

**CAIXA**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA